

ORIONITAS A CAMINHO NA IGREJA DE PAPA FRANCISCO

Santo Alberto de Butrio, 29 de dezembro de 2013

1

Caríssimos Confrades,

Deo gratias!

Escrevo esta carta no tempo do natal, durante uma parada de oração e reflexão no Eremitério de Santo Alberto de Butrio.

Está quase se concluindo um ano marcado pela mudança na condução da Igreja: Papa Francisco sucedeu Bento XVI que, discretamente, renunciou por causa da sua saúde *“ingravescente aetate”*. Agora Papa Francisco está dando um novo estilo e impulso não somente ao “serviço petrino” como Bispo de Roma mas também na vida e na missão da Igreja.

Até a nossa Assembleia geral, que tinha objetivos concretos de avaliação das decisões do Capítulo de 2010, respirou um pouco do “clima de Papa Francisco”. No relatório de introdução eu disse que os seus exemplos e os seus ensinamentos “devem inspirar a revisão do nosso caminho congregacional” observando que “temos um patrimônio de estilos e de valores próprios que estão sendo estimulados pelos contínuos apelos do Papa Francisco”.

Caríssimos Confrades, nesta carta circular quero partilhar algumas reflexões sobre o que significa, para nós, ser *“Orionitas a caminho na Igreja de Papa Francisco”*. Já o título anuncia a perspectiva e a direção prática a que somos chamados. Fique claro: a Igreja é de Jesus Cristo, é seu corpo (Col 1,24), conduzida pelo Espírito Santo. A Igreja não é nem de Paulo nem de Apolo, nem de Paulo VI, nem de João Paulo II, nem de qualquer outro. *Igreja do Papa Francisco* significa a *Igreja do pontificado do Papa Francisco* ou, também, a Igreja numa *“nova etapa de caminho nos próximos anos”* (*Evangelii gaudium* 1).

Um diálogo de três horas com Papa Francisco

Eu era um dos 120 Superiores gerais de Ordens e Congregações masculinas que, no dia 29 de novembro passado, tive a graça de passar uma boa parte da manhã, das 9.30 às 12.30, com Papa Francisco, na sala do Sínodo no Vaticano. Foi um longo e cordial colóquio, fraterno e paterno. As distancias foram imediatamente anuladas na primeira saudação, nas primeiras palavras. Estávamos diante de um Papa que falava com confiança, que narrava as suas experiências, que apresentava linhas e encorajamentos para cumprir a missão de animadores da vida consagrada.

Tivemos uma experiência ‘ao vivo’ do que significa a liderança evangélica de Papa Francisco, que todos apreciam e do qual muitos falam e escrevem. Foi um encontro inesquecível. Ele mesmo desejou que não fosse uma audiência oficial (de início estava programado uma audiência de meia hora na sala Clementina), mas um encontro fraterno. Por isto foi um encontro “a portas fechadas”, sem pessoas estranhas ao grupo, nem mesmo eclesíásticos.

Ficou conosco umas três horas, inclusive durante a pausa para o café; saudou cada um com calma. Eu o via ali, a uns 3-5 metros de todos nós. Ele nos abraçava com o olhar. Não pronunciou um discurso preparado, mas respondeu espontaneamente, em espanhol, às perguntas que tínhamos, em parte, preparado juntos durante a nossa Assembleia da União dos Superiores Gerais. E depois, a surpresa, no final do encontro, o anúncio que **em 2015 teremos um ano dedicado à vida consagrada**.

Anotações dos temas tratados¹

O Pontífice afirmou que a radicalidade evangélica é uma obrigação de todos os cristãos, mas os religiosos são chamados a seguir o Senhor de maneira especial: *“São homens e mulheres que podem despertar o mundo. A vida consagrada é profecia. E existe a necessidade desta profecia porque, como observou Bento XVI, ‘a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração’*. Porém advertiu que *“é necessário ser profeta e não brincar de ser profeta”*. *“Deus – disse ainda – nos pede para sair do ninho da nossa acomodação e ser enviados para as fronteiras do mundo, evitando a tentação de domesticá-las. Este é o modo mais concreto de imitar o Senhor”*.

Interrogado sobre a situação das vocações, o Papa sublinhou que existem Igrejas jovens que estão dando frutos novos. Isto obriga naturalmente a repensar a **inculturação do carisma**.

“O carisma é um, mas, como dizia Santo Inácio, é preciso vive-lo segundo os lugares, os tempos e as pessoas. Existe o risco de errar, de cometer erros. Mas isto não deve deter-nos, porque existe o risco de cometer erros maiores (querendo evitar a inculturação). De fato, devemos sempre pedir perdão e olhar com muita vergonha para os insucessos apostólicos que foram causados pela falta de coragem. Pensemos, por exemplo, nas intuições pioneiras de Mateus Ricci que, já no seu tempo, foram deixadas de lado”.

A este respeito, agradou-me uma expressão de Papa Francisco sobre o carisma: *“o carisma não é uma garrafa de água destilada”*; o carisma, como a água, assume os sabores e os elementos da terra pela qual passa. *“A inculturação não tem regras fixas, tem o espírito que a regula, mas devem ser evitados seja o relativismo como o uniformismo”*, afirmou, acrescentando que surgem bons frutos da *“introdução no governo central das Ordens e das Congregações de pessoas de várias culturas, que exprimam modos diferentes de viver o carisma”*.

Papa Francisco dedicou muito tempo ao tema da **formação** que, segundo o seu parecer, baseia-se sobre quatro pilastras fundamentais: *“formação espiritual, intelectual, comunitária e apostólica. Quando alguém chega à profissão perpétua deve ter integrado em unidade estas quatro dimensões”*. Na formação é preciso evitar toda forma de hipocrisia e de clericalismo graças a um diálogo franco e aberto sobre todos os aspectos da vida: *“a formação – advertiu – é uma obra artesanal, não policialesca; deve acontecer num diálogo de pais para filhos”*. *“O objetivo é formar religiosos que tenham um coração terno e não ácido como o vinagre. Todos somos pecadores, mas não corruptos. Aceitem-se os pecadores, mas não os corruptos”*.

¹ Não foi publicado o texto do que disse o Papa Francisco aos Superiores gerais. Não estavam presentes jornalistas nem tínhamos câmeras de vídeo, exceto no início. Pe. Antonio Spadaro, jesuíta, foi autorizado a redigir uma [anotação, revisada por Papa Francisco, e publicada na Revista La Civiltà Cattolica](#), Caderno N° 3925 de 4 de janeiro de 2014, p.3-17. Sirvo-me de anotações pessoais.

Respondendo depois a uma pergunta sobre a **vida comunitária**, Papa Francisco disse que ela tem uma força de atração enorme. Supõe a aceitação das diferenças e também dos conflitos. Às vezes é difícil viver a vida fraterna, mas não se torna fecunda se ela não é vivida.

Particularmente comovente foi o seu testemunho sobre *confrades problemáticos*. Transcrevo-o em forma quase literal.

“Em toda família existem problemas; pensar ou sonhar uma comunidade sem irmãos em dificuldade não faz bem, porque a realidade nos diz que em toda parte, em toda família, em todo grupo humano, existem conflitos. Portanto, os conflitos precisam ser assumidos.

É preciso fazer como na parábola do bom samaritano: fazer como o padre e o advogado que veem o conflito e passam adiante, ignoram-no? Ou fazer como o ingênuo que entra no conflito e permanece no conflito? Ou então como quem assume o conflito, faz aquilo que pode ser feito, supera-o e continua adiante.

Uma vez, um dirigente sindical me contou que, aos 22 anos, passou por uma crise de alcoolismo, uma crise depressiva que levou-o ao alcoolismo. Vivia sozinho com sua mãe viúva, muito humilde. Ele trabalhava mas, quando bebia, permanecia de manhã em casa, dormindo, e não ia para a fábrica. Sua mãe trabalhava como lavadeira. Naquela época não existiam máquinas de lavar ou eram raras, a roupa se lavava a mão, nas casas. Dizia-me que de manhã, quando ainda estava sofrendo com as consequências da bebedeira, sua mãe passava pelo seu quarto antes de sair e olhava-o de um modo particular, sem dizer-lhe nada, e saía. Olhava-o com ternura. Este homem não conseguiu resistir à ternura de sua mãe e mudou de vida. Foi o que contou ele mesmo. Hoje é uma pessoa importante, um importante dirigente de fábrica.

É necessário chegar à ternura, a este modo de olhar para o irmão que é causa de conflito. A nossa caridade deve chegar até esta dimensão que, eu diria, quase maternal de ternura.

A fraternidade é algo de muito delicado, muito delicado.

Recordo uma frase do hino da festa de São José, o hino do ofício das leituras, no texto argentino, que ia até o mais profundo do meu coração. Fala sobre como São José tratava a sua família e dizia que São José tratava a sua família com “ternura de eucaristia” (ternura eucarística). É uma forma poética: tratar os próprios irmãos com “ternura de eucaristia”, o humano e o sacro são unidos. É uma imagem muito forte que nos pode ajudar.

Portanto, não ter medo do conflito, enfrentar o conflito, resolver o conflito, acompanhar o conflito, acariciar o conflito... acompanhar”.

Foram apresentadas ao Papa algumas perguntas sobre questões particulares. Sobre o acesso dos **religiosos irmãos ao papel de superiores** nas congregações clericais, respondeu que se trata de um tema canônico que deve ser abordado em tal nível.

Sobre as **relações entre os religiosos e os Bispos**, e as Dioceses nas quais estão inseridos, disse que este é um ponto crítico. Afirmou conhecer por experiência os problemas possíveis nesta relação, seja da parte dos religiosos como dos Bispos. “*Os carismas dos vários Institutos devem ser respeitados e promovidos porque as dioceses tem necessidade deles. Nós Bispos – disse – devemos entender que as pessoas consagradas não são material de ajuda, mas são portadores de carismas que enriquecem as Dioceses*”.

As últimas perguntas ao Papa Francisco se referiram **às fronteiras da missão dos consagrados**. “*Quais fronteiras, quais periferias indica, hoje, aos religiosos?*”. “*Cada Instituto deve ir para as fronteiras indicadas a partir do próprio carisma*”,

respondeu. O carisma dá sensibilidade e prioridade diferentes, mas o que conta é que todos devem ir para as periferias.

São muito simples e não convencionais também as palavras finais de **agradecimento** do Papa Francisco. Olhando para o relógio às 12.35, suspirou: “*O meu amor por todos vós chega até aqui, porque às 13 horas tenho um compromisso com o dentista*”. Ele mesmo e todos nós nos entregamos a um delicioso e divertido sorriso. Depois prosseguiu: “*Eu vos agradeço pelo vosso espírito de fé. Eu vos agradeço porque tive a possibilidade de partilhar o meu serviço convosco e também agradeço pela partilha. Isto faz muito bem a todos. Obrigado por aquilo que fazeis. Obrigado pelo testemunho. Obrigado pelos mártires que doais à Igreja. Obrigado também pelas humilhações pelas quais deveis passar por causa de defeitos, de insucessos, e obrigado porque os assumistes bem; é um caminho pelo qual é necessário passar. Obrigado de coração*”.

Como amar e seguir Papa Francisco?

Enquanto estava ali, escutando Papa Francisco e vendo o seu modo de ser, veio espontaneamente, em mim, pensar: e eu o que devo fazer? Como devo mudar? E depois também: a Congregação orionita como pode responder a Deus que nos enviou este Papa, Francisco, figura profética e institucional importante para nós?

O Papa é referência segura de caminho para toda a Igreja. Mas, por nós Orionitas, deve ser seguido e amado com uma paixão e uma adesão especiais, animados pelo nosso carisma específico de “especial fidelidade ao Papa”. Na oração que recitamos a cada semana, pedimos: “*Tu no-lo deste, Senhor, como Pai, Mestre e Pastor; faze que lhe dediquemos docilidade como discípulos e todo nosso amor como filhos*”.² Dom Orione explicava que esta docilidade e este amor consistem em “*seguir sempre, em tudo e por tudo, os ensinamentos dele, não somente em matéria de fé e de moral, mas em tudo o que ele, como Papa, ensinar e ordenar... também as suas advertências, conselhos e os seus desejos*”.³

“*America love the singer, but not the song*” (os Estados Unidos da América amam o cantor, mas não a canção), intitulou na manhã seguinte ao triunfo do Papa João Paulo II na Jornada Mundial da Juventude de Denver (em 1993), para indicar a popularidade do Papa e ao mesmo tempo o distância do seu ensinamento.⁴ Aqui tem o seu ponto de partida a nossa *Orioninidade!* Nós devemos amar o “cantor” e a “canção” entoada por Papa Francisco, “*corifeu da Igreja*”.⁵

E se acontecesse que nós Orionitas, pessoal e institucionalmente, continuássemos como antes, sem novidade e sem mudança, também na Igreja atual de Papa Francisco? Seríamos como “aquelas crianças sentadas nas praças, gritando umas para as outras: ‘Tocamos flauta para vós, e não dançastes. Entoamos cantos de luto e não chorastes!’.” (Mt 11, 16-17).

² É a famosa oração de Ausonio Franchi, retocada e desejada por Dom Orione como oração característica da Congregação; ver “*Comunidade orionita em oração*”.

³ São incontáveis as passagens em que Dom Orione nos ilustra as exigências filiais do amor ao Papa. “*Façamos uma grande e doce obrigação praticar também as mínimas recomendações do Papa. Numa palavra, ó meus caros, sejam sempre e por toda parte filhos muito devotos do Papa*”; *Scritti* 52, 112. “*Nós somos totalmente do Papa, da cabeça aos pés; somos do Papa por dentro e por fora, com uma total adesão de mente e de coração, de ação, de obras, de vida, a tudo o que possa ser um desejo do Papa*”; *Parola* VI, 192.

⁴ Jornais e televisões inundaram a opinião pública com entrevistas e estatísticas para mostrar as muitas negativas à doutrina moral do Papa e da Igreja por aqueles mesmos jovens que entoavam hosanas em sua honra.

⁵ *Corifeu*, significa *chefe do coro*, regente da sinfonia; é o título ecumênico atribuído a Pedro também pela Igreja grega.

Padre Bartolomeo Sorge, com rápidas pinceladas definiu a Igreja de Paulo VI como *dialogante*, a de João Paulo II como *triumfante*, a de Bento XVI como *penitente* e a de Francisco como *evangélica*, uma igreja livre das coisas mundanas, alegre pelo Evangelho, pobre e serva, próxima do povo, testemunha da misericórdia de Deus.⁶ Existe profunda e vital continuidade entre os dois pontificados: somente uma igreja *penitente*, que reconhece os seus pecados e as suas “coisas do mundo” e quer purificar-se (Bento XVI), pode iniciar um novo caminho de radicalidade evangélica no Senhor (Francisco).

Papa Francisco colocou a Igreja no caminho da fidelidade evangélica, com o seu exemplo, com o seu empenho e também com tantas mensagens e iniciativas. Todos reconhecem isso: entramos numa situação em que a Igreja é colocada em movimento. Papa Francisco apresenta objetivos particulares ou imagens precisas sobre como deverá estar organizada a Igreja amanhã para ser mais evangélica e missionária no mundo de hoje. Convoca para um caminho de conversão a Jesus e ao Evangelho “sine glossa” (sem interpretações), acolhendo a vontade e as surpresas de Deus.

Qual caminho da vida religiosa “no passo” de Papa Francisco? Qual tipo de sintonia com o “corifeu da Igreja” da parte da vida religiosa que “pertence intrinsecamente à vida e à santidade da Igreja” (LG 44)?

A estas perguntas procuraram responder os Superiores gerais reunidos em Assembleia em novembro passado e com base nelas pediram indicações ao próprio Papa. A partir destas anotações, tentarei apresentar algumas orientações e traços de caminho com base no magistério de Papa Francisco, da *Evangelii gaudium* em particular.⁷

PAPA FRANCISCO E NÓS: QUAL CONVERSÃO?

Os gestos e o magistério de Papa Francisco nos convidam a uma “conversão” em nosso seguimento de Cristo e no serviço aos irmãos: uma conversão das nossas atitudes pessoais, das nossas relações, das perspectivas e do estilo da missão.

Papa Francisco chama toda a Igreja para acolher e enfrentar os desafios da história e os problemas da humanidade com uma *vivência* mais evangélica, com uma atitude confiante perante o mundo, sabendo ver no campo o grão que cresce, mesmo no meio da cizânia, participando do amor de Deus pelo mundo.

1. CONVERSÃO DAS ATITUDES PESSOAIS

a) *Religiosos centrados no essencial*

O essencial, para nós, é o “Somente Deus”, o seguir Jesus Cristo, o testemunho do Evangelho segundo o carisma.⁸ É com esta fidelidade que sustentamos os nossos irmãos no caminho rumo ao Senhor.

⁶ Das anotações da intervenção de Bartolomeo Sorge na Assembleia da União dos Superiores Gerais de maio de 2013.

⁷ Será sempre citada como EG (*Evangelii Gaudium*). Tem um particular valor para nós a *vídeo-mensagem do Cardeal Jorge Bergoglio* endereçado ao Capítulo provincial ocorrido em Buenos Aires em novembro de 2009, em preparação ao Capítulo geral do ano seguinte; ele fez algumas reflexões sobre o “*Somente a caridade salvará o mundo*”, antecipando algumas orientações que agora se tornaram as grandes linhas do seu pontificado. Citarei este documento como “*Ao Capítulo*”.

⁸ Papa Francisco, jesuíta, tem uma particular estima pelos carismas da vida consagrada. Escreve: “O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diversos carismas. São dons para

Aqui está o coração do dinamismo de renovação da Igreja promovido pelo Papa Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). É preciso partir e “*partir novamente de Cristo*”,⁹ viver “os mesmos sentimentos de Cristo” (Fil 2,5), até experimentar que “*não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim*” (Gal 2,20). É por isto que Papa Francisco escreve: “não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: «No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»” (EG 7).

Papa Francisco, antes dos esplendidos 288 números da sua Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, diz simplesmente: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar” (EG 3).¹⁰

De cada um pede-se uma séria conversão ao discipulado como condição essencial e indispensável para desenvolver a nossa missão (“*pastores que se deixam pastorear*”), conscientes de estar “*na encruzilhada do dom*”: tudo o que Deus nos doou com a fé, a vocação, o carisma, somos chamados a doar para os outros.

A nós Orionitas Papa Francisco já tinha diretamente recomendado de ser “*discípulos missionários*” e “*pastores que se deixam ser pastoreados*”. Não pastores autônomos ou pastores que poderiam ser comparados a chefes de ONGs. A imagem de Jesus Bom Pastor infunde em todos vós este tom de vida espiritual, de ser *condutores conduzidos*, onde, em última instância, é o bom Pastor que dá o ritmo. É o bom Pastor que determina o caminho que deveremos seguir” (*Ao Capítulo*).

A nossa primeira tarefa e serviço é a *santidade*, o *ser de Deus*. Consiste em identificar-nos com Jesus, que colocou no centro a vontade do Pai e as pessoas, e deste modo ficando com o “*cheiro das ovelhas*”,¹¹ usando misericórdia e ternura, contemplando todos e tudo com o seu olhar benevolente e respeitoso.

Dom Orione nos queria não somente “centrados” mas “fixados” no essencial: “*Já outras vezes eu vos disse que para amar verdadeiramente o Senhor, Nossa Senhora, as coisas santas, a Igreja, é necessário fazer disso quase uma fixação... Nós devemos ser fixados unicamente naquilo que diz respeito ao amor e à glória de Deus e da Virgem Santíssima e à salvação das almas... Qual era a atitude de Nossa Senhora para com Jesus? Vós sabeis: vivia somente para Ele! Não falava senão d’Ele e para Ele, sofria e rezava com prazer por Ele; diria mais, pensava aquilo que pensava Jesus - se lhe fosse possível - tanto o seu amor desejava estar próximo em sentimentos, pensamentos e afetos a Jesus... viver uníssono, em tudo, a Jesus*”.¹²

renovar e edificar a Igreja. Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício” (EG 130).

⁹ É o título do bonito documento sobre a vida consagrada no terceiro milênio (2002).

¹⁰ Em EG 80 e 8, adverte que “existe um relativismo prático ainda mais perigoso que o doutrinal” que “consiste em agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem... Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade”. Ver a Circular “*Filhos da Fé*”: *Atti e comunicazioni* 2012, n.239, p.187-202.

¹¹ Escutei pela primeira vez esta expressão na homilia do Papa Francisco na Missa do Crisma de Quinta-feira Santa de 2013; depois se tornou recorrente. Pega o cheiro das ovelhas – explica em EG 24 - quem “com obras e gestos, entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz.”

¹² *Nos passos de Dom Orione*, p.88. Cfr a Circular *A única coisa necessária*. Identidade e papel da nossa vida religiosa hoje: *Atti e comunicazioni* 2007, n.234, p.187-209. Naquela Circular de 28 de dezembro de

b) Religiosos que tem a sua autoridade na autenticidade.

A nossa credibilidade está ligada à correspondência das palavras e dos gestos com a verdade da vida. Da *autenticidade* vem a *autoridade moral*, da autoridade moral vem a *parresia* e a *alegria da evangelização*, “não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas «por atração»” (EG 14).

Papa Francisco denuncia frequentemente e chama pelo nome as mais comuns expressões do “mundanismo espiritual”, que “consiste em buscar, no lugar da glória do Senhor, a glória humana e o bem estar pessoal”.

Encontramos um elenco de expressões de mundanismo espiritual nos n. 93-97 da *Evangelii gaudium*: “fascínio do gnosticismo da fé, fechada no subjetivismo, na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos”, “neopelagianismo auto referencial e prometeico”, “elitismo narcisista e autoritário”, “cuidado com o prestígio da Igreja, mas não com que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus”, “fascínio em poder mostrar conquistas sociais e políticas”, “funcionalismo empresarial”, “auto complacência egocêntrica”, “mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora”.

Cada um de nós deve estar atento em “não conformar-se com a mentalidade deste século” (Rm 12,2) e a cuidar da própria transparência interior, tirando a casca de “mundanismo” à qual é mais tentado, para ser mais verdadeiro, ou seja, mais de Deus.

Falando diretamente a nós Orionitas, Papa Bergoglio indicou em particular: “A vossa caridade é marcada, deve ser marcada, pela *pobreza*. Vivam dia após dia da Providencia... Não acumulem no caixa, porque, no fundo, quando acumulamos no caixa, colocamos ali a nossa esperança. E se colocais ali a vossa esperança, perderão a coisa mais genuína que é a *esperança na Providência de Deus*. É a coisa mais genuína que vos deu o Fundador”. Deste modo, acrescentou, “estou certo que a Congregação reflorescerá de novas vocações e tereis aquela alegria que, desde a fundação, vos levava a excluir em todos os momentos *Deo gratias*” (*Ao Capítulo*).

Papa Francisco teme o mundanismo religioso mais do que qualquer outro mal da Igreja: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Devemos evita-lo, pondo a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres”. É o que ele está fazendo. É uma característica da Igreja promovida por Papa Francisco.

c) Religiosos que se exprimem com profunda humanidade.

Somos convidados a combater com decisão a cultura do descartável que pode entrar também em nossa vida, reconhecendo e difundindo os bens fundamentais de cada pessoa; somos chamados a ter a coragem de exprimir *ternura*, sobretudo para com os mais fracos e carentes.

Papa Francisco já tinha explicado a nós Orionitas, que estávamos para celebrar o Capítulo do lema “*Só a caridade salvará o mundo*”, sobre como reagir à cultura do descartável: “Vós sabeis que viveis neste sistema mundano, paganizado: existem aqueles que *cabem* neste sistema e aqueles que *não cabem*; aqueles que não *cabem* no sistema... são os que *sobram*, e aqueles que estão além da conta são descartáveis. Estas são as fronteiras existenciais. É ali que deveis estar. Não com os saciados e satisfeitos, com as pessoas que estão bem na vida, com aqueles a quem não falta nada. Não! Ide para as fronteiras existenciais. Agradou-me muito que uma irmã da vossa Congregação

2007, citava o Card. Bergoglio que contrapunha o colocar Jesus Cristo no centro ao mundanismo espiritual que consiste em colocar a si mesmo no centro (p. 190, nota 8).

insistisse tanto que as postulantes, antes de entrar no noviciado, passassem um longo tempo no *Cotolengo*. Ali está a fronteira existencial mais concreta do vosso carisma. Isto significa gastar tempo com o deficiente mental, com o enfermo, e o paciente terminal; perder tempo, consumir o tempo com eles, porque são a carne de Jesus”.

Também nós religiosos devemos reconhecer os nossos pecados e limites humanos, sem pretender ter sempre as respostas para tudo e para todos, mas procurar pacientemente a verdade e o bem junto com os irmãos. Papa Francisco fala de “revolução da ternura” (EG 88), de “ternura batalhadora” (EG 85), de “ternura eucarística”.

“Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros... que aceitemos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura” (EG 270).

2. CONVERSÃO DAS RELAÇÕES

a) Religiosos que sabem exprimir-se de modo simples, direto, compreensível

Sentimos a importância de usar uma linguagem atual; de escutar muito para aprender as palavras que os outros podem entender. Devemos ter o cuidado da comunicação e da sua pedagogia, procurando e encontrando palavras que tem sentido, que tocam o coração das pessoas porque estão próximas da sua vida.

Papa Francisco é um comunicador eficaz e popular não porque estuda ou usa as *técnicas comunicativas*, mas porque tem um coração e uma *experiência comum* com o povo ao qual se dirige hoje “*urbi et orbi*”. A sua *comunicação* é fruto de *comunhão de vida*, de simpatia pastoral, do contato e da escuta exercitadas por longos anos como sacerdote, Bispo e agora Papa. É exatamente assim: “o pastor conhece as suas ovelhas uma a uma... as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (cfr. Jo 10, 1-16).

A respeito, penso numa recordação de Dom Orione. “*Uma vez fazia uma pregação de quaresma em Sale, onde estava um Monsenhor que fazia questão de ter muita gente presente nas cerimônias. Uma noite vários bons Sacerdotes, estavam reunidos ao redor de uma mesa, com uma boa garrafa à frente (eh! assim! Pobres Sacerdotes) e estavam conversando. Porém, eles pensavam que eu estava dormindo, porque tinha confessado, feito o sermão, estava mesmo cansado, e diziam uns aos outros: Por que será que aquele ali que não estudou, atrai mais gente do que nós, que nos especializamos tanto em teologia? Eu que não dormia, abri a porta e disse: Digo eu o porquê; é porque sou pobre, sofri a fome, o frio, o cansaço; vós ao contrário sois senhores. Se vós também tivésseis sofrido isto, certamente encontraríeis certas palavras que fazem bem: o povo entende quando sentimos as coisas da mesma forma que eles e que sofremos com eles, o povo sente o espírito de Nosso Senhor*”.¹³

A *comunicação pastoral* é fruto de *comunhão de vida*.

O Papa dedica à comunicação da Palavra de Deus todo o Capítulo terceiro (110-175) da *Evangelii gaudium*, com particular atenção para a homilia (135-144) e para a pregação (145-159). Diz que “a homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo” (EG 135) seja da paróquia ou da escola ou do Cotolengo.

É uma orientação de conversão importante para nós Orionitas, também, e diria sobretudo, para aqueles que dizem “eu não fui feito para a pregação”, porque mais apto para as atividades práticas, próximas do povo. A proximidade à vida comum do povo é

¹³ De uma pregação dos exercícios espirituais às Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade de 11 de setembro de 1919; são anotações feitas por participantes do retiro e não *ipsissima verba*, mas creio que a substância seja clara.

uma oportunidade e não uma dificuldade para a pregação que deve ter o tom e os conteúdos da “conversa de uma mãe”, como diz o Papa, expressa através da “proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos seus gestos. Mesmo que às vezes a homilia seja um pouco maçante, se houver este espírito materno-ecclesial, será sempre fecunda, tal como os conselhos maçantes de uma mãe, com o passar do tempo, dão fruto no coração dos filhos” (EG 140).

A outros tipos de pregadores, Francisco recorda ao contrário que “A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos mediáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração” (EG 138).

b) Religiosos que caminham com os irmãos

Como Jesus com os discípulos, caminham na estrada com os irmãos, especialmente aqueles das periferias existenciais, os “desamparados”, para usar um termo espanhol/português muito querido a Dom Orione. É um ponto qualificador da Igreja que Francisco está promovendo. É um ponto qualificador do carisma orionita que exige uma firme conversão nossa.

“O contexto em que deveis trabalhar é o *da estrada*. Deus vos deseja *callejeros*, da estrada, na estrada”, disse exatamente para nós este Papa. “São Pio X enviou Dom Orione para fora da Porta São João, para a estrada, não para a sacristia. Por favor, que Deus vos liberte de... ficar contemplando o umbigo. Não! Na estrada. O lugar, o contexto é a estrada, a estrada no sentido mais simbólico e forte da palavra, ou seja, onde se localizam as periferias da vida”.¹⁴

“Na estrada” significa uma colocação ambiental e, ainda mais, interior.

A nós Orionitas ressoa bem o notável “fora da sacristia”.¹⁵

Como devemos ser pastores “na estrada”? Recorrendo à imagem do bom pastor, Francisco responde:

- ✓ “Às vezes pôr-se-á **à frente** para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo” (EG 31). Papa Francisco observa que “muitos agentes pastorais desenvolvem uma espécie de complexo de inferioridade que os leva a relativizar ou esconder a sua identidade cristã e as suas convicções”. Não se deve ter medo de colocar-se à frente, com audácia e santa habilidade; não se deve “sufocar a alegria da missão numa espécie de obsessão por serem como todos os outros e terem o que possuem os demais” (EG 79).
- ✓ “Outras vezes manter-se-á simplesmente **no meio** de todos, com a sua proximidade simples e misericordiosa” (EG 31). Isto fará bem ao povo e ao pastor. Para não cair na “*melancolia pastoral*”, “egoísta” e “paralisante” (EG 81), é preciso não perder “o contato real com o povo, numa despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a ‘tabela de marcha’ do que com a própria marcha” (EG 82). Viver-se-ia “uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como «o mais precioso elixir do demônio» [Georges Bernanos]” (EG 83).

¹⁴ Naquele discurso *Ao Capítulo* explicou: “Uma Congregação que se fecha nas suas *coisinhas* acaba como todas as *coisinhas*, fechadas, jogadas fora, com cheiro de mofo, inservível, enferma. A estrada mais segura rumo à enfermidade espiritual é viver fechados nas *coisinhas* pequenas. Uma Congregação que sai para a estrada corre o risco de acidentat-se. Peçam a Deus milhares de vezes que sejam uma Congregação acidentada ao invés de uma Congregação enferma”.

¹⁵ Carta de Dom Orione impressa em *Nos passos*, p. 274.

- ✓ “E em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas.” (EG 31).

Com Dom Orione e com o Papa de hoje, nós Orionitas somos chamados a “descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada” (EG 87).¹⁶

Todos admiram em Papa Francisco a sensibilidade à dimensão pessoal das relações: oferece o café aos guardas, traz a cadeira para um vigia, doa o *panetone* para os operários, telefona para as mais diferentes pessoas, etc. As nossas atividades tanto caritativas como pastorais, às vezes são bem estruturadas e institucionalizadas; não devemos perder a capacidade do relacionamento pessoal e dos gestos de caridade pessoais e diretos.

c) *Religiosos que buscam a vontade de Deus com os irmãos*

É indispensável “escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por «lectio divina».” (EG 152).

Estamos mergulhados num mundo de multiplicidade e confusão de ideias e de muito falatório. É preciso praticar o “*exercício do discernimento evangélico*, no qual se procura conhecer – à luz do Espírito – um ‘apelo’ que Deus faz ressoar na própria situação histórica” (EG 154).

“A sabedoria do discernimento resgata a necessária ambiguidade da vida e faz encontrar os meios mais oportunos, que nem sempre se identificam com aquilo que parece grande ou forte. O discernimento se realiza sempre na presença do Senhor, sem perder de vista os sinais, ouvindo o que acontece, o sentir das pessoas, sobretudo dos pobres”.¹⁷

É um processo que exige paciência e tempo, escuta e diálogo, liberdade interior, espírito de fé e coragem de assumir decisões segundo a própria responsabilidade.

Papa Francisco está colocando isso em prática na vida da Igreja, promovendo dinamismos e estruturas para a participação e a consulta,¹⁸ com particular atenção à comunhão com os leigos, que “são simplesmente a imensa maioria do povo de Deus” (EG 102), e à “indispensável contribuição da mulher” (EG 103). Para conseguir isso, existem sentimentos e formas de clericalismo e de elitismo que devem ser superadas, recordando que “na Igreja as funções «não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros».” (EG 104).¹⁹

¹⁶ “Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade”, “como se uma tarefa de evangelização fosse um veneno perigoso e não uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos. Alguns resistem a provar até ao fundo o gosto da missão e acabam mergulhados numa melancolia paralisadora” (EG 78).

¹⁷ Assim na *Entrevista a “La civiltà cattolica”*.

¹⁸ Papa Francisco, numa recente confidência, disse: “Agora muitas pessoas me dizem: não consulte muito e decida. Ao contrário, acredito que a consulta seja muito importante”.

¹⁹ A tal propósito Francisco observa: “O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder. Não se esqueça que, quando falamos da potestade sacerdotal, «estamos na esfera da função e não na da dignidade e da santidade»” (EG 104).

O religioso é “um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo”, “para saber ler nos acontecimentos a vontade de Deus”, “o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias” (EG 154).

A busca da vontade de Deus implica sempre uma dimensão comunitária, colegial. Nós religiosos temos dinâmicas já consolidadas de discernimento comunitário e de obediência,²⁰ mas necessitamos de uma conversão prática, recordando que “*na vida cristã não se faz muito a não ser quando se faz muito a vontade de Deus*”²¹ e que “*Filhos da Divina Providência significa filhos da obediência*”.²²

3. CONVERSÃO DAS PERSPECTIVAS E DO ESTILO DA MISSÃO

a) Religiosos “profetas”

No conjunto das nossas atitudes e das nossas opções somos chamados a reconhecer e a promover o reconhecimento dos sinais que convidam à mudança, é solicitado para cada um de nós de exprimir a profecia, visão de futuro.

Papa Francisco, religioso jesuíta, tem apreço pela identidade e pelo papel profético da vida religiosa. “Na Igreja os religiosos são chamados especialmente a ser profetas que dão testemunho de como se vive Jesus neste mundo, e que anunciam como será o Reino de Deus quando chegar a sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à profecia... Pensemos no que fizeram tantos grandes santos da vida monástica, religiosos e religiosas, desde os tempos de Santo Antônio Abade. Ser profeta implica, às vezes, fazer *barulho*, não sei como dizer... A profecia cria alvoroço... Mas, na realidade, seu carisma é ser fermento: a profecia anuncia o espírito do Evangelho”.²³

No encontro com os Superiores gerais Papa Francisco retomou este tema e exortou a “*ser profetas e não em brincar de sê-los*”.

Tantas indicações do Papa Francisco podem ser resumidas no “*sair e fazer sair*” num caminho vital sobre as estradas abertas do Evangelho, num estado permanente de missão, liberando-nos de todas as formas de rigidez institucional e de autoafirmação, “*para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão*” (EG 25).

Aos religiosos é solicitada uma específica profecia: viver e testemunhar no modo mais visível, com opções práticas, o *signum fraternitatis* que nos une uns aos outros, superando as tentações de introversão individualista “fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciando ao realismo da dimensão social do Evangelho” (EG 87). A vida fraterna é o “primeiro fruto” e uma eloquente “profecia” do caminho do mundo rumo ao Reino de Deus do qual a Igreja tem necessidade.

²⁰ Neste sentido devem ser valorizadas as *reuniões de comunidade* (art.221, Norma 29); a *meditação* (art.72) e a *lectio divina* (CG 13 dec.3), a “*periódica revisão comunitária de vida*” (art.77) que é um dos conteúdos das reuniões comunitárias (art.29), e da jornada comunitária (dec.11); a *correção/promoção fraterna* “feita com delicadeza e caridade” (art.64), que o Capítulo 12º definiu “ato de amor recíproco e momento providencial para o crescimento da comunhão” (Doc.76) e que tem o seu sentido último em ajudar-nos reciprocamente a cumprir a Vontade de Deus; o *projeto comunitário* decide algumas linhas comuns de crescimento na resposta a Deus. Específicas formas de discernimento estão previstas também no exercício do governo local, provincial e geral.

²¹ *Scritti* 55, 13.

²² Cfr a Circular “*Seja feita a tua vontade*”. Filho da Divina Providência significa filho da obediência: *Atti e comunicazioni* 2008, n.226, p.107-127.

²³ Assim na *Entrevista para a revista “La civiltà cattolica”*.

A outra importante profecia dos religiosos é a do *servitium caritatis*.²⁴ “O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG 88). Não podem bastar “relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por monitores e sistemas que se podem acender e apagar à vontade” (EG 88).

Nós Orionitas devemos nos distinguir por uma ousada e fraterna *fantasia da caridade* para ir ao encontro dos irmãos necessitados e desprovidos de providências humanas, “fazendo de tudo” em nome da Divina Providência, com obras de caridade eficientes, úteis e significativas, à frente dos tempos.

b) Religiosos que vivem a caridade para com os pobres e difundem a cultura do encontro.

Somos convidados a promover e testemunhar a “cultura do encontro” como estilo de vida e de missão, com gestos de proximidade especialmente para com os últimos, os fracos, os doentes que estão no meio de nós, a carne de Cristo.²⁵

Dirigindo-se a nós Orionitas, em 2009, o card. Bergoglio recordou que “a fronteira existencial de Deus é o Verbo que se encarnou, é a carne do Verbo. É isto que nos salva de toda heresia, da gnose, das ideologias, etc. Busquem a carne de Cristo ali. Ide para as fronteiras existenciais com coragem e ali vos perdereis. Estai seguros que os jornais não falarão de vós. Aquilo que fizerdes, por exemplo no Cotelengo, não será notícia; aquilo que realizardes com os meninos de rua não será notícia, não interessa para o mundo, porque isto é material descartável. São as fronteiras existenciais. Deixai-vos conduzir pelo bom Pastor rumo a esta fronteira existencial para exprimir o amor e a caridade”.

Para nós Orionitas é muito importante escutar um Papa dizendo insistentemente para toda Igreja **“tocar a carne do Verbo”**, aqueles que são “os trastes da sociedade”, como dizia Dom Orione; “o despejo da sociedade, as periferias existenciais”, como diz Francisco, **é em si mesma ação pastoral e evangelização.**

Dom Orione nos transmitiu a consciência que quando cumprimos um dos tantos gestos ou atividades nas obras de caridade, nós fazemos obra de evangelização, porque *“a caridade abre os olhos à fé e aquece os corações de amor para com Deus”*. Na comunicação popular, acontece com frequência que eu apresente duas imagens do Fundador - *“Devemos ser padres de estola e de trabalho”* e *“ao lado de uma obra de culto surja uma obra de caridade”* – que bem exprimem o dogma orionita da união de evangelização e ministério da caridade em nossa missão.

“A partir do coração do Evangelho – escreve o Papa - reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG 178). O serviço da caridade é parte integrante da vida da Igreja. De fato, «A íntima natureza da Igreja se exprime num tríptico dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*). São tarefas que se pressupõem e não podem estar separadas uma da outra» (*Deus caritas est, 25*).

Não me prolongo sobre esta linha da Igreja de Papa Francisco porque é aquela mais “orionita”, aquela que nos identifica.²⁶

²⁴ *Confessio trinitatis, signum fraternitatis e servitium caritatis* são as três dimensões e tarefas da vida consagrada expostas na Exortação pós-sinodal *Vita consecrata* (1996).

²⁵ Os números 197-201 de EG tratam do “lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus”. “Esta opção – ensinava Bento XVI – «está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza»” (EG 198). Cfr *“Ver e servir Cristo na pessoa humana”*: *Atti e comunicazioni* 2008, n.227, p.251-269.

c) Religiosos alegres, portadores de esperança.

Todo mundo fica admirado com este Papa contente, confiante, sereno, sorridente, com uma espontaneidade alegre que vem de dentro. Todos percebem que o seu sorriso não é “sorriso de assistente de voo”.²⁷ E explica: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria” (EG 1).

Primeiro passo para renovar a Igreja e a sua missão no mundo de hoje é renovar nos cristãos a alegria do Evangelho, a *Evangelii gaudium*. Somente assim pode iniciar “uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1).

Papa Francisco está convidando a todos para ir até as fontes da alegria cristã: “ninguém está excluído da alegria trazida pelo Senhor”. Em particular, “um evangelizador não deveria ter um rosto de funeral”.²⁸

E Papa Francisco cita a *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI: “E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram os que receberam, primeiro em si, a alegria de Cristo” (EG 10).

Também nós Orionitas devemos caminhar na Igreja de Papa Francisco partindo de novo deste ponto, da alegria? A nossa alegria, de discípulos missionários da caridade de Deus, nasce do encontro com Cristo: “Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria” (EG 1).

A alegria é um fruto e é uma graça a ser pedida.

Impressionou-me uma expressão autobiográfica de Dom Orione lida ainda na juventude: “*Senhor, não sou digno, mas preciso da vossa alegria, uma alegria casta, uma alegria que arrebatava, que nos transporta na paz, acima de nós mesmos e de todas as coisas: imensa alegria! A alma decidiu vencer tudo para ascender: é a alegria da humildade*”. O que será que passava na alma de Dom Orione! Quantas vezes na vida eu também fiz esta oração: Senhor, eu preciso da tua alegria mais do que qualquer outra coisa.

A alegria do Evangelho é aquela que nada, nem ninguém jamais poderá nos tirar (cfr. Jo 16,22). O restante vem por acréscimo. “Os desafios existem para serem superados. Somos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação plena de esperança! Não deixemos que nos roubem a força missionária!”.

Caros Confrades, o discurso da minha carta se conclui aqui. Ou talvez melhor, se inicia. Papa Francisco não indica a estrada da Igreja, ele está percorrendo esta estrada. E nós o que estamos fazendo? Queremos verdadeiramente seguir o pastor, também pelas estradas novas, ou nos contentaremos com o aplauso que nos deixa aonde estamos?

Existe entre nós quem convida à prudência: “melhor esperar”; “o entusiasmo é grande, mas até quando durará?”. É o risco de minimizar a novidade de Francisco; de não ver que o Evangelho começou um novo curso pelo mundo e de permanecer à

²⁶ Veja a Circular “*Fique bem determinado que a Pequena Obra é para os pobres*”: *Atti e comunicazioni* 2010, n.231, p. 3-11.

²⁷ É uma expressão dita por Papa Francisco sobre algumas irmãs no encontro com as Clarissas de Assis: “sorriem com um sorriso de assistente de voo, mas não com o sorriso da alegria que vem de dentro”.

²⁸ Por que tantos rostos de funeral? “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses não existe mais espaço para os outros, não entram mais os pobres, não se escuta mais a voz de Deus, não se aproveita mais a doce alegria do seu amor, não palpita o entusiasmo de fazer o bem. Muitos caem nisso e se transformam em pessoas ressentidas, descontentes, sem vida”.

margem, na espera que as coisas sejam mais claras, que cheguem as reformas prometidas, que se vejam os frutos, que se manifestem as previsíveis oposições.

Lá, na sala do Sínodo, em 29 de novembro passado, um sentimento de alegria mais que um sentimento de dever levou-me a questionar-me: “E eu, o que devo fazer? Em que sentido mudar? A Congregação orionita como pode responder a Deus que nos enviou este Papa, Francisco?”.

A resposta certamente não está nestas páginas, embora eu tenha procurado escrever com atenção.

Antes ainda de elaborar uma resposta bem pensada e organizada, em oração, senti uma *voz do Céu* sugerir imperiosamente: «Muito! Você deve mudar muito».

Depois vi um *rosto no Céu*, com dois grandes olhos e o sorriso perene, que acrescentava: “Eu votei nele, no Céu, no dia do meu *dies natalis*. Eu sabia. Conheço bem a América Latina e sabia que vinha de lá. Agora, porém, despertai-vos”.

NOTÍCIAS DE FAMÍLIA

O quadrimestre setembro - dezembro de 2013 foi caracterizado por importantes acontecimentos congregacionais. Primeiro entre todos foi a **Assembleia geral de Avaliação**, ocorrida em Aparecida (Brasil) de 13 a 20 de outubro de 2013. Transcorreu em bom clima fraterno, com finalidade e metodologia bem definidas: verificar e relançar o caminho indicado pelo Capítulo geral de 2010. O **Documento** produzido é bem simples e propõe *algumas novas indicações práticas* para dar continuidade ao caminho de renovação promovido pelo Capítulo. Como sempre, nestas reuniões de Congregação são importantes alguns sentimentos e orientações partilhadas que depois amadurecem posteriores caminhos e decisões. A respeito, fizemos uma ressonância no final da Assembleia da qual anotei alguns pontos.

- É necessário cuidar melhor da *ligação vital com as fontes da caridade* das quais deriva depois todo o dinamismo de Deus em nós, nas relações fraternas, nos ministérios da caridade, na fecundidade vocacional e nas novas fronteiras do testemunho.
- Existe nostalgia e desejo de recuperar *relações mais diretas* entre religiosos e pessoas aos quais somos destinados, entre religiosos e obras, reagindo à inflação institucional e virtual das relações.
- O bom clima de família, que geralmente sustenta a vida da Congregação, deve amadurecer uma mais concreta *correção e promoção fraterna*.
- Existe confiança perante a *notável vitalidade de um novo impulso carismático*, com novas respostas aos novos desafios e necessidades colocadas pela sociedade e pela cultura de hoje; estas tem por protagonistas sobretudo os leigos com o apoio e a animação dos religiosos.
- Nos contextos sociais em que vivemos, caracterizados por uma contínua evolução, é preciso privilegiar *obras de caridade institucionalmente mais leves, mais úteis e significativas*. As instituições “faróis de fé e de civilização” é preciso sempre mais colocar ao lado obras e relações “fermento” e “sal” na massa.
- Tantos elementos nos dizem que religiosos, comunidade e Congregação vivem uma grande *fragilidade*; verdadeiramente, carregamos um grande tesouro em vasos de barro. É uma fragilidade que deve ser assumida com compaixão espiritual e prática, como ocasião de nova evangelização da nossa vida e de ajuda fraterna.
- Certamente devemos concentrar-nos na *fidelidade* (fazer “melhor”) mas ocorrerá empenhar-nos na *criatividade* (fazer “novo”) porque o carisma é um investimento (o *talento*) e uma energia renovável (o *fogo*). Por isto, a fidelidade

ao carisma exige que nos concentremos mais no discernimento que no cumprimento, mais no projeto que na programação.

A Assembleia geral teve como moldura outros eventos muito importantes de Família Orionita. Em Montevideu, de 8 a 10 de outubro, foi realizada a **Assembleia geral do Movimento Laical Orionita**, a primeira depois do reconhecimento canônico como Associação pública internacional de fiéis leigos, em 20 de novembro de 2012. Nela foi aprovado um *Regulamento* prático que integra o que já está presente no *Estatuto*. A assembleia era também eletiva e foi eleita a nova Coordenação geral para o triênio 2013-2016: o senhor Javier Rodriguez (Espanha) foi confirmado coordenador geral; vice coordenadora foi eleita Virginia Zalba (Argentina); Secretaria geral foi confirmada Armanda Sano (Itália), coadjuvada por Alejandro Bianco (Argentina), Giovanni Botteri (Itália) e Luigina Collico (Itália).

No dia 13 de outubro, enquanto em Aparecida se reunia a Assembleia geral, foram **beatificados em Tarragona os nossos dois mártires espanhóis Padre Ricardo Gil e Antonio Arrué Peirò**, juntamente com um numeroso grupo de heroicos testemunhas da fé na Espanha. Estava presente uma numerosa delegação da nossa Congregação, guiada pelo postulador Pe. Aurélio Fusi e pelo superior provincial da Espanha e Venezuela, P. José Antonio Ruiz. Como recordação deste importante evento, podem ser as palavras de Papa Francisco que abriram a cerimônia de beatificação: "*devemos sempre sair de nós mesmos e abrir-nos a Cristo, não devemos ser cristãos medíocres e egoístas, devemos ser batizados fiéis e pedir a intercessão dos mártires para ser cristãos concretos, de fatos e não só de palavras*".

No dia 20 de outubro, em Aparecida, na conclusão da Assembléia geral, tivemos a celebração de **início do Ano Missionário Orionita**. Um evento de Família com uma excepcional representatividade de categorias (PODP, PIMC, ISO, MLO) e de nações: cerca de 2.000 peregrinos orionitas provenientes das casas do Brasil, 120 concelebrantes, entre os quais os nossos bispos Lazzaris, Mykycej, Uriona e Ahoua, todo o Conselho geral, os Superiores provinciais e os Delegados das várias nações na Assembleia geral. Estavam presentes a superiora geral Ir. Maria Mabel e um bom grupo de PIMC, a Responsável do ISO no Brasil, o Coordenador geral do MLO. Para significar que o carisma Orionita está difundido nos vários povos alcançados depois da partida dos primeiros missionários em 1913, entreguei ao Brasil um precioso relicário que contém o *Sangue de Dom Orione* que peregrinará nas várias casas e paróquias. Símile relicário será entregue às principais nações em que hoje está presente o carisma de Dom Orione mediante os seus filhos e filhas.

Terminadas as grandes reuniões, fui visitar as nossas novas missões em Buritis e Porto Velho; o *Sangue de Dom Orione* continua a escorrer com tanta vitalidade nas veias daquela gente e daqueles pobres.

Entre os eventos mais significativos merece uma menção o **Sínodo orionita para a África**, que reuniu de 8 a 10 de setembro em Bonoua, representantes da Congregação Orionita provenientes de Costa do Marfim, Togo, Burkina Faso, Quênia, Moçambique e Madagascar; estavam presente o Superior geral, Pe. Eldo Musso, os superiores provinciais Pe. Pierangelo Ondeí, P. Aparecido Da Silva, P. Malcolm Dyer, P. Basile Aka. Finalidade do Sínodo foi lançar um olhar juntos (=sínodo) confrontando experiências e orientações sobre alguns temas práticos de enculturação da vida religiosa e do nosso carisma na África, e também estudar alguma forma de colaboração estável para favorecer um caminho unitário e característico da Congregação nas diversas nações da África e Madagascar".

Em Montebello e Tortona, de 4 a 14 de novembro, ocorreu o **curso de formação ao carisma para formadores orionitas**. Emergiram algumas *Linhas práticas de formação ao carisma* que o Conselheiro geral Pe. Freitas se encarregou de difundir.

Recordo também algumas minhas **visitas** destes últimos meses que me deram a possibilidade de experimentar a comunhão e a vitalidade da Congregação: **na Polônia**, por ocasião do 90º do início da Congregação; **na Venezuela**, onde encontrei uma surpreendente vivacidade Orionita, pastoral e caritativa, mesmo entre tantas dificuldades sociais; **na Jordânia**, onde Dom Orione fala árabe através dos nossos queridos confrades e tantos Leigos que assumiram o espírito de Dom Orione.

16

A nossa comunhão de oração

Como sempre, convido à oração pelos nossos queridos Defuntos.

O Senhor chamou para si alguns *Confrades* particularmente significativos na vida da Congregação: Pe. **José Oscar Baldussi**: por tantos anos formador e padre espiritual na Argentina; Pe. **Valentino Barbiero**: uma vocação de Dom Orione, padre humilde entre os humildes; Pe. **Luigi Carbonelli**, generoso missionário na Argentina; Pe. **Marian Kliś**: professor, formador, provincial na Polônia; Pe. **Ettore Conti**, zelante padre e pastor de almas; e os dois jovens confrades, Pe. **Lorenzo Benzi**, de 59 anos, missionário e formador na Costa do Marfim; Pe. **Oscar Alcides Pezzarini**, de 51 anos, uma coluna física e pastoral na Argentina.

Rezemos por outros defuntos da nossa Família: as *Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade*: Ir. Maria Louiza, Ir. Maria Guidina, Ir. Maria Eletta, Ir. Maria Rosina e Ir. Maria Luisa; o *papai* de: Pe. Gaetano Ceravolo, de Pe. Kokou Fo Edem Paul Assidenou e de Pe. Ricardo Paganini; a *mamãe* do Ir. Bruno Piccini (já falecido); o irmão de Pe. Mario Ghio, de Don Fulvio Ferrari, de Pe. Geraldo Majela e Pe. José Geraldo Da Silva, de Pe. Gino e Angelo Pasinato (já falecidos); a *irmã* de Pe. Giuseppe Vallauri, de Ir. Adelmo Masi (já falecido).

Desejo um bom serviço e convido a rezar pelos *novos superiores de comunidade* que assumiram a coordenação das Comunidades nas Províncias da América Latina.

Rezemos pelos nossos Confrades anciãos; eu os chamo de “magníficos”, porque é verdadeiramente grande e digno de louvor quem persevera na vocação e serve a Congregação chegando a uma veneranda idade.

Agradecemos e louvamos o Senhor pelo dom de *novas vocações* e pela chegada de novos irmãos na Congregação: são 45 os noviços espalhados no mundo orionita. Desejamos perseverança no caminho de Deus aos novos 37 professores, aos 23 diáconos e 9 sacerdotes de 2013.

Rezamos pelos nossos *doentes*, dos quais é mais difícil fazer um elenco, e pelos que estão passando por limites ou momentos de provas espirituais ou morais: a nossa comunhão de afeto e ajuda fraterna possam dar a eles ajuda para a saúde e conforto para o coração.

Enfim, no início do novo ano de 2014, sobre todos vós, caríssimos Confrades, e sobre quantos habitam ou frequentam as nossas casas, as escolas, as paróquias e as missões, invoco a bonita benção da liturgia do dia 1º de janeiro: «O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e se compadeça de ti! O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz

Em Cristo e em Dom Orione,

Pe. Flávio Peloso PODP
(*superior geral*)